



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CAMPUS DE PORTO NACIONAL**

**CARLOS POTENGY BARBOSA RIBEIRO**

**A COLUNA PRESTES E SUAS ANDANÇAS PELO SERTÃO DO TOCANTINS.**

**PORTO NACIONAL - TO**  
**2022**

**CARLOS POTENGY BARBOSA RIBEIRO**

**A COLUNA PRESTES E SUAS ANDANÇAS PELO SERTÃO DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em Ciências  
Sociais, pelo curso de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Tocantins, sob a

Orientação do Prof.º Dr. Marcelo de Souza  
Cleto.

**PORTO NACIONAL - TO  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- R484c Ribeiro, Carlos Potengy Barbosa.  
A coluna prestes e suas andanças pelo sertão do Tocantins. / Carlos Potengy Barbosa Ribeiro. – Porto Nacional, TO, 2022.  
32 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2022.  
Orientador: Marcelo de Souza Cleto
1. Tenentismo. 2. Coluna Prestes. 3. História do Tocantins. 4. Memória. I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre acreditaram que uma boa educação pode modificar totalmente uma história de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar meu orientador Marcelo Cleto, por suas contribuições para minha produção. Obrigado por me orientar na rede de sociabilidades que me apresentou durante parte desses quatro anos na Universidade e em eventos aqui em Porto Nacional, bem como em Palmas. Meus agradecimentos também se estendem a todos os professores que compõem o colegiado de Ciências Sociais, bem como aos colegas de curso. Agradeço também aos momentos de reflexão e angústia que vivi durante estes quatro anos, que me fizeram perceber o quanto é importante forjarmos novas concepções sobre o mundo. E um agradecimento especial à minha esposa Corinta e à minha filha do coração, Carolina Abreu.

“A incompreensão do presente nasce  
fatalmente da ignorância do passado”  
(Marc Bloch)

## **RESUMO**

Este presente trabalho tem como objetivo explorar o acontecimento histórico que foi a Coluna Prestes, bem como sua importância para a história do Brasil e em particular para a história do Tocantins. Para tanto, foi utilizado como método de coleta de dados a pesquisa bibliográfica, através dos conteúdos levantados que retratam o movimento desencadeado no século passado, pelo interior do Brasil, tendo percorrido 14 (catorze) estados ao longo de vinte e cinco mil km durante os anos de 1925 a 1927. Para embasamento teórico, explorou-se as obras de Dinarco Reis, José Augusto Drummond, Neil Macaulay e José de Souza Martins. Como resultado, apresenta-se, o debate bibliográfico desta investigação, conhecer o evento histórico político de grande magnitude, especialmente a passagem da Coluna Prestes no território que é hoje o Tocantins.

**Palavras-chaves:** Tenentismo, Coluna Prestes, História do Tocantins.

## **ABSTRACT**

This present work aims to explore the historical event that was the Coluna Prestes, as well as its importance for the history of Brazil and in particular for the history of Tocantins. For this purpose, bibliographical research was used as a data collection method, through the raised content that portray the movement unleashed in the mid-1920s, of the last century, through the interior of Brazil, having traveled 14 (fourteen) states over twenty-five five thousand km during the years 1925 to 1927. For theoretical basis, the works of Dinarco Reis, Jose Augusto Drummond, Neil Macaulay and José de Souza Martins were explored. I intend to problematize the various narratives of these works, having as the horizon of this investigation to seek to know a political historical event of great magnitude, especially the passage of Coluna Prestes in the territory that is today Tocantins.

**Keywords:** Tenentism, Prestes Column, History of Tocantins.

## **LISTA DE FIGURAS E QUADROS**

**QUADRO 01 -**

**FIGURA 01 -** Junta Governativa.

**FIGURA 02 –** Os revoltosos do Forte de Copacabana

**FIGURA 03 –** Marcha da Coluna Prestes

**FIGURA 04 -** Os principais líderes da Coluna Prestes, em Porto Nacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 UMA NARRATIVA HISTÓRICA E A LUTA DE CLASSES.....</b>	<b>14</b>
<b>3 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>21</b>
<b>4 A COLUNA PRESTES E A CIDADE DE PORTO NACIONAL .....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma reflexão sobre os eventos mais significativos da passagem da Coluna Prestes no sertão do Brasil.

A abordagem dos acontecimentos que marcaram a passagem do movimento por este território foi obtida através de leitura composta por teses, dissertações, artigos científicos e livros especializados na temática em análise.

Além disso, foi incluído um esboço inicial que trata do surgimento da luta de classes no Brasil e da formação da classe operária para situar o contexto histórico em que se desenrolou a Coluna Prestes.

Assim, o surgimento da Coluna Prestes pode ser pensado como um movimento onde perder o medo, era necessário para romper o silenciamento difuso das camadas populares que se viam representadas naqueles jovens idealistas de classe média em busca de mudanças da sociedade brasileira. Era um momento de distopia que vivia a sociedade na busca de encontrar um sentido para além da janela daquele momento sem lucidez histórica.

A história é tida como o lugar ou espaço de memória de guarda das lembranças das coisas que passaram pela vida das pessoas, sendo simples, nas observações. No entanto, devemos considerar que, a história faz parte do imaginário da humanidade, pois por mais que queiramos esquecê-la ela está presente para nos dizer, eu existo, é preciso ser posta em evidência para que os outros conheçam e façam de suas atitudes parte da existência.

Por que tudo isso? Porque na busca de fazer um registro da história do Tocantins onde a Coluna Prestes é o centro da pesquisa ora em curso e que ela possa abordar e narrar os processos de formação do estado e de suas memórias.

Este documento ou este monumento faz parte de uma pesquisa que busca trazer o fato histórico narrado, e que através dos episódios seja capaz de construir uma percepção onde na medida do possível seja viável estabelecer uma concepção do que seja a história de um fato.

O fato de escolher uma passagem da história do Brasil para pensar e esmiuçar a trajetória da Coluna Prestes, não faz parte da ideia de congelar um olhar, e sim, de buscar

uma diversidade utilizando o método materialista histórico dialético para construir esta trajetória de nossa história.

A Coluna Prestes nasceu de uma premissa falsa? Os movimentos que se formaram em torno de seus ideais de luta partiram de falsas construções, pois, alegavam que o candidato à presidência da república Artur Bernardes havia escrito cartas criticando o clube militar, e que depois foi constatado que eram falsas? Como se constrói um movimento revolucionário partindo destes pressupostos que não representam os anseios de parcelas significativas da sociedade e que pensa em transformação da realidade? Será que vivemos sempre em base falsa e que não expressa a realidade que queremos mudar? Como podemos mudar uma realidade se ela é falsa? Será que, havia interesse em mudar o *status quo* da realidade brasileira na década de 1920? Ou era apenas vestígios de uma aura imaginada chamada de revolução?

Com essas perguntas a pesquisa procura demonstrar a fragilidade das bases e da estrutura da Coluna Prestes, bem como a falta de vinculação dos objetivos presentes na luta por mudanças da realidade.

Ao pensarmos o nascimento de um movimento que tem como princípio a mudança da realidade na qual nos sentimos parte, nos vem um sentimento de que todo aquele fato foi objeto de longas discussões. Amparado em objetivos claros e diretos cuja compreensão não fique imersa em suposições abstratas e de difícil entendimento por parte daqueles que se sentem excluídos de todo o processo de transformação que ora se coloca em marcha para que haja reais mudanças do comportamento dos seus cidadãos, bem como das instituições que o representam.

Quando nos referimos a Coluna Prestes nos vem uma conexão quase direta com a figura emblemática de Luís Carlos Prestes, o movimento dos tenentes e os revoltosos. No entanto, quando nos debruçamos em análises sobre o que foi a marcha militar mais importante da História do Brasil, precisamos nos ater a alguns fatos, no mínimo, intrigantes, do ponto de vista da organização de setores da sociedade com vista a transformação da realidade brasileira na década de 1920.

Assim vale lembrar em que bases foram erigidas todo o movimento da Coluna Prestes, ou seja, quais episódios serviram de elos aglutinadores em torno de uma ideia que queria pôr fim às oligarquias, bem como o governo que estas sustentavam.

No entanto, é preciso lembrar que os fatos e as constatações históricas nas quais a pesquisa se apoia, demonstra uma certa fragilidade de organização e inserção nas camadas populares, ou por não dizer, um certo descaso quando se trata de mudanças profundas de

governo. Isso é corroborado com relatos dando conta de que a coligação oposicionista estimulou a formação de uma oposição militar a Artur Bernardes (candidato a presidência da república) com falsificações (mais tarde comprovadas) e publicações de documentos com sua assinatura, ofensivas a alguns chefes militares, mesmo assim, Bernardes venceu a eleição de março de 1922 (DRUMMOND, 1991, p.12), bem como, uma indicação baseada num telegrama falso, tornou o capitão comandante do 1.º Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, RS (SOUZA, 1997, p.3).

Estes dois episódios servem para ilustrar uma breve página da nossa história, onde o falseamento dos fatos levou a manifestações pouco consistentes, como se viu, tempos depois com os desencontros causados pela falta de objetivos das lutas dos tenentes. Assim, entre a lenda e a luta, a Coluna Prestes foi forjada numa estrutura cujos alicerces eram um tanto movediços, bastando para isso olharmos as estruturas e os objetivos de seus discursos.

Após esta breve introdução, detalha-se no tópico um, intitulado “**Uma narrativa histórica e a luta de classes**”, as referências e as experiências da Coluna Prestes como também todo o contexto que engloba, desde a criação da primeira República, luta operária e suas crises que originaram o movimento tenentista e suas repercussões na organização da sociedade brasileira.

Já no tópico dois, “**Percorrendo os caminhos da memória**”, relata-se a marcha militar e suas principais características de luta, bem como foram os embates realizados pela Coluna Prestes ao longo dos seus vinte e cinco mil quilômetros percorridos durante os dois anos de sua existência.

No terceiro tópico, “**A Coluna Prestes e a cidade de Porto Nacional**” tem-se a passagem da Coluna Prestes por Porto Nacional e os desdobramentos e as repercussões envolvendo a presença dos revoltosos no Tocantins.

## 2 UMA NARRATIVA HISTÓRICA E A LUTA DE CLASSES

Entender o momento político da Coluna Prestes partindo dos movimentos tenentistas da década de 1920, só é possível se entendido o contexto histórico que fundamentou os princípios que o nortearam. Para isso é necessário perceber e compreender como uma cadeia de acontecimentos contribuíram para sua existência.

O ato político de Independência do Brasil não culminou com o fim de lutas internas desde o período da colônia. Segundo Reis, “dois aspectos essenciais estiveram na pauta destas lutas, voltadas para suprimir a estrutura feudal-escravista dominante: a abolição da escravatura e a instituição de uma república democrática” (REIS, 2011, p.15). Nesse sentido, Reis ressalta que,

O Brasil iniciou sua vida autônoma sob a égide do arbítrio e da exceção: já em 1823, Pedro I dissolveu a Assembleia Constituinte que debateria uma Carta Magna para o país e outorgou uma constituição absolutista. Toda essa história teria exatamente uma constante: a violação sistemática da soberania popular, a exclusão das massas da vida política[...] (REIS, 2011, p.15).

Estes fatos aqui relatados reforçam a importância de destacar que a transição do Império para República fora marcada por momentos políticos agitados por rebeliões e revoltas que cobrem os dois reinados. Portanto, cabe destacar, como argumenta Reis (2011, p.15), que “tais levantes expressavam o descontentamento popular e regional, seja contra a Coroa, seja contra as oligarquias regionais. Não poucas vezes, estas sublevações tiveram traços de lutas camponesas”. Para ilustrar este período cito as principais lutas que marcaram a período da Regência, que são elas: a “carneirada” pernambucana (1834-1835); a “sabinada” baiana (1837-1838); a “balaiada” maranhense (1838-1840); a “cabanagem” amazônica (1838-1840); os “farrapos” gaúchos (1835-1845); a “revolução liberal” (1842-1844); a “rebelião” praieira (1848-1849), todos esses episódios mostram quanto foi conturbada a vida interna do país no século XIX, segundo Reis (2011).

Os acontecimentos marcantes da década de 1920 são frutos da história do Brasil que estão ancorados nas tradições advindas da vida imperial. Basta lembrarmos que, a proclamação da república não significou a ruptura de antigas práticas das oligarquias latifundiárias que apoiavam o antigo regime. No entanto, conforme Reis,

Não há dúvidas de que a proclamação representou um avanço no sentido de introduzir elementos democráticos-burgueses na superestrutura da sociedade brasileira, mas a configuração geral desta não sofreu modificações substanciais. De fato, foi mesmo a abolição da escravatura que sacudiu as velhas

relações sociais: o crescente emprego do assalariado (estimulado, outrossim, pela presença de imigrantes europeus) corroeu as velhas formas econômicas e, sobretudo nas cidades, criou contingentes humanos aptos a se transformarem em massas proletárias. (REIS, 2011, p. 16).

Entretanto, “nesse quadro, o imigrante e o escravo são vistos como trabalhadores, isto é, produtores de valor. Em particular, a imigração e a abolição aparecem como manifestações do processo mais amplo de formação do mercado de mão-de-obra baseado no trabalhador livre” (IANNI, 1966, p.87).

No entanto,

[...] não há dúvidas de que outros aspectos também são importantes para explicar o caráter da sociedade brasileira nas últimas décadas do século XIX. Os estudiosos costumam destacar os seguintes: as repercussões da Guerra do Paraguai na sociedade nacional, nos planos econômicos, político e social; o aparecimento do “exército deliberante” no quadro da política nacional; a expansão acelerada da cafeicultura, tornando-se setor dominante na economia brasileira; os surtos iniciais de produção artesanal e fabril; o abolicionismo e a abolição; a imigração europeia, desdobrada nas colônias do Brasil Meridional e na política de “braços para a lavoura” cafeeira do Oeste Paulista; o movimento republicano e a queda da Monarquia, pela ação conjugada de civis e militares. (IANNI, 1966, 88).

Entretanto, ressalta-se que tais acontecimentos “podem contribuir para elucidar a fisionomia da sociedade brasileira na época” (IANNI, 1966, p.88).

Neste momento de transição temos um contingente de sujeitos recém-saídos da escravidão que precisavam ser caracterizados como fontes desta narrativa, ou seja, a população negra recém liberta da escravidão é um exemplo marcante deste período. Tomando como marco inicial, o período acima relatado, cabe destacar que “trata-se de um período bastante complexo que vai dar origem, fundamentalmente, à predominância, na sociedade brasileira, de duas classes nela surgidas recentemente: a burguesia e o proletariado”, destaca Reis (2011).

Assim,

[...] à luta de classes passará a assumir, então, o caráter de um confronto entre o capital e o trabalho. Nesse período, quando a influência dos operários recentemente imigrados predomina em suas lutas reivindicatórias, o conflito de classes será direcionado pelas correntes anarquistas e anarco-sindicalistas, ideologia predominante nas lideranças das massas trabalhadoras. ” (REIS, 2011, p.17).

É importante destacarmos que no período da “velha república”, o traço econômico predominante no processo de desenvolvimento do país foi a dependência ao capitalismo internacional, que durante o governo de “Campos Sales<sup>1</sup> precisava de paz interna para

---

<sup>1</sup> Quarto presidente da República entre 1898 e 1902.

negociar a dívida externa com os banqueiros ingleses. O acordo foi consagrado em 1900, durante o reconhecimento de poderes da nova legislatura” (CARVALHO, 1987, p.32).

“[...]os partidos não funcionavam como instrumentos de governo, se se dividiam em facções, se ficavam presos a caudilhos, a solução, para Campos Sales, era formar então um grande partido de governo com sustentação nas oligarquias estaduais. O próprio presidente resumiu claramente seu objetivo: “É de lá [dos estados] que se governa a República, por cima das multidões que tumultuam, agitadas, nas ruas da capital da União”. E prosseguindo: “A política dos estados [...] é a política nacional” (grifo de Campos Sales). (CARVALHO, 1987).

Diante deste quadro,

“a política dos governadores” significava que, por meio da fidelidade de suas bancadas no Congresso Nacional, os governadores dos estados davam apoio ao presidente da República e, em troca, este assumia o compromisso de “respeitar” os resultados das eleições fraudulentas que garantiam a escolha dos governadores em seus respectivos estados. Forjou-se desse modo a combinação da Constituição de 1891, teoricamente baseada no federalismo, com uma prática apoiada no poder dos “coronéis” e no atendimento das exigências dos grupos oligárquicos locais” (PRESTES, 1995, p.18).

O palco destes enfrentamentos, embora tivessem acontecidos no campo, “foi nas cidades que os novos conflitos se revelaram, precisamente em razão do desenvolvimento industrial capitalista, acelerado especialmente após a deflagração da Primeira Guerra Mundial” (REIS, 2011, p.18). É de se destacar que “os levantes foram frequentes no período de afirmação do regime republicano: a rebelião da Armada (1893), as sublevações da Escola Militar (1897/1904)” (REIS, 2011, p.18). E por outro lado, destaca-se que “em vários estados registram-se rebeliões contra o centralismo que sufocava o federalismo” (REIS, 2011, p.18). E não se pode esquecer a Revolta dos Marinheiros (1910), liderada por João Cândido (REIS, 2011, p.18).

Todos esses acontecimentos aqui relatados servem de arcabouço para ilustrar a nascente indústria nacional que cresce com a presença do imperialismo norte-americano. Diante da presença americana, nas palavras de Reis, “ocorre um giro no perfil cultural do país: a arquitetura é modificada, o cinema altera hábitos e imagens sociais e se abre um processo de colonização cultural – redundaria no desprezo do nacional e popular, com a divulgação de preconceitos étnicos (a “inferioridade” dos mestiços e a “superioridade” branca)” (REIS, 2011, p.18).

Com a constatação destes novos elementos sendo introduzidos na realidade brasileira, não foi empecilho para que a promissora indústria nacional sofresse algum tipo

de crise. Crise mesmo só verificada quando da exportação de um só produto primário (o café) se fez presente. Mesmo assim,

As indústrias instaladas, entre 1915 e 1919, surgem no país seis mil empresas industriais, aproximadamente, e entre 1914 e 1922, o valor da produção industrial mais que duplicou. Diante disso verificou-se um crescimento enorme do contingente de operários, nas três primeiras décadas republicanas, a classe operária aumentou em seis vezes, chegando em 1922, à casa dos 300.000. (REIS, 2011, p.18).

Por seu turno, não podemos descartar que “a pequena burguesia, ligada aos serviços, também experimentou enorme florescimento”. Daí podemos raciocinar que,

[...]justamente esses setores – a classe operária nascente e a pequena burguesia urbana -, excluídos de fato da vida política institucional da nação por uma série de mecanismos (inclusive a sistemática fraude dos processos eleitorais, levada a cabo pelos “coronéis”, responsáveis pelas “eleições a bico de pena”), expressarão a recusa do modelo oligárquico” (REIS, 2011, p.18).

Diante de tais fatos pode-se observar que a classe operária ainda dava seus primeiros passos na auto-organização e com isso não avança tanto, só tendo alguma visibilidade com formas de lutas determinadas, como as greves. Assim, segundo Reis (2011, p.19), “as primeiras grandes demonstrações de insatisfação vieram dos setores pequeno-burgueses, caracterizadas no ciclo do tenentismo, aberto claramente em 1922”.

A década de 1920 do século passado foi um período marcado por uma série de movimentos contestatórios com objetivos diversos. Dentre estes movimentos surge o tenentismo, que eram

“[...] oficiais inferiores das Forças Armadas, representantes precisamente desses setores pequeno-burgueses contrários às formas administrativas e políticas próprias da oligarquia, assumiram a vanguarda daquelas lutas, numa sequência de levantes que tem início no Rio de Janeiro (Forte de Copacabana e Escola Militar do Realengo) em 1922 e se propaga a São Paulo em 1924 (no bojo de uma movimentação que culminará com a Coluna Prestes, a “coluna invicta” que vara o interior do Brasil entre 1924 e 1926”. (REIS, 2011, p.19).

Este foi o primeiro momento de rebelião que os historiadores batizaram de tenentismo, desencadeando o eixo de um movimento de repercussão nacional denominada de Coluna Prestes, “constituída por militares que, no Rio Grande do Sul, em 1924, levantaram-se sob o comando de Luís Carlos Prestes e por outros que, egressos da rebelião paulista, juntaram-se a eles no Paraná” (REIS, 2011, p.19).

Durante dois anos percorrendo mais de vinte e cinco mil km,

“[...] a Coluna deu notoriedade a seu líder, convertido pelo povo, desde então em “Cavaleiro da Esperança”, mas, sobretudo, foi o elemento mais decisivo na afirmação da grandeza e dos limites do ideário tenentista, de marcado sabor reformista-burguês. Incapazes de um programa positivo para substituir o regime oligárquico que criticavam, os tenentes, com as suas ilusões heroicas, não souberam sensibilizar a massa popular para a sua ação. Sem unidade de ação, os tenentes não souberam, também, capitalizar as várias conspirações em fermentação no país que o êxito militar da Coluna patrocinou. Esta, sem conseguir entrosar-se com as massas camponesas nas regiões palmilhadas, mostrou, no entanto, um enorme sucesso tático-militar: desgastou, com a surpresa, a fustigação e evitando os embates frontais, as forças que procuraram lhe dar combate, e, por dois anos até internar-se nas selvas bolivianas, atestou a incapacidade do aparelho militar do Estado oligárquico. Sem reconhecer no proletariado o centro de gravidade de uma ação autenticamente revolucionária, os tenentes permaneceram presos a uma perspectiva que não ultrapassava os limites da rebelião – eram um grupo de revoltados, mas não um conjunto de revolucionários. Muito diferenciados entre si, os jovens oficiais rebeldes tinham em comum a recusa da política da oligarquia e das mazelas mais evidentes da sociedade brasileira da época” (REIS, 2011, p.20).

Embora levantando bandeiras e denunciando as mazelas advindas da República Velha, estes rebeldes foram vítimas das ilusões de classes, papel que cabe ao proletariado a transformação revolucionária da sociedade brasileira. Considerando este momento propício a novas empreitadas deste proletariado, vale destacar aqui “a contribuição de inúmeros europeus, que traziam de seus países de origem uma tradição de combate” (REIS, 2011, p.20).

Este é o ambiente que vive o proletariado brasileiro, que vinham animados com a criação da Confederação Operária Brasileira, em 1906, e que leva a um amadurecimento da classe operária brasileira, tendo como fatores decisivos, a presença dos anarquistas que tinham experiências nas greves durante a Primeira Guerra Mundial e que aqui em solo brasileiro, particularmente nas cidades de São Paulo (onde se registrou a maior greve em 1917), no Rio de Janeiro e em Recife, foram decisivos, nesta construção.

Foi um momento em que a classe operária brasileira se transformou em “classe para si” capaz de um projeto autônomo, que estava sendo propiciado pelo desenvolvimento industrial, segundo aborda Reis (2011). É de se considerar, também, que toda essa movimentação se dá, principalmente, após o êxito da vitória, em 1917, da Revolução Bolchevique, de outubro, na Rússia. Este foi o momento em que se abriu uma nova Era para a história da humanidade.

Pela primeira vez a massa trabalhadora logrou estar no poder. Com todos esses ingredientes, os líderes dos movimentos operários brasileiros, foram atraídos; principalmente, os operários de origem anarquista, a reunirem-se para dar corpo ao Partido Comunista Brasileiro, em 26 de março de 1922.

Este foi também um marco importante para a história do movimento operário brasileiro, pois “configura, desde então, um instrumento de ação sem o qual são incompreensíveis os desdobramentos mais decisivos da política brasileira nas últimas décadas” (REIS, 2011, p.21).

No entanto, cabe salientar que paralelo ao que ocorria com a Coluna ora em curso, temos que considerar que, havia incentivos para que rebeliões ocorressem em outras regiões do Brasil, para dar um caráter nacional dos rebeldes contra o governo de Artur Bernardes.

#### QUADRO 1 – LEVANTES QUE ANTECEDERAM A COLUNA PRESTES

<b>Levante de Mato Grosso em 12/07/1924</b>
Histórico: foi um movimento em que as forças rebeldes travaram intenso combate com as forças legalista.
<b>Levante de Sergipe em 13/07/1924</b>
Histórico: este acontecimento se resumiu em alguns embates de pouca relevância para o movimento rebelde.
<b>Levante do Amazonas em 23/07/1924.</b>
Em Manaus o 27º Batalhão de Caçadores sublevou-se a 23 de julho de 1924, graças à atividade desenvolvida pelos tenentes Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, Sebastião Mendes de Holanda e outros, o governo estadual foi deposto e instaurou-se uma Junta Governativa chefiada pelo Tenente Ribeiro Júnior.
<b>Figura 01: Junta Governativa.</b>

Fonte: página do Exército Brasileiro <sup>2</sup>
<b>Levante do Pará, ocorreu em 26/07/1924</b>
Sob o comando do General Mena Barreto, comandante da 1ª Região Militar, forças navais, aéreas e terrestres derrotaram os revoltosos que se amotinaram na Fortaleza de Óbidos. Em Belém, o Batalhão de Caçadores sublevou-se, mas foi dominado pelas forças de Mena Barreto.

<sup>2</sup> Disponível em [http://www.eb.mil.br/image/image\\_gallery?uuid=de0e3911-6f66-4542-838d-429afe0cf822&groupId=10138&t=1333475605030](http://www.eb.mil.br/image/image_gallery?uuid=de0e3911-6f66-4542-838d-429afe0cf822&groupId=10138&t=1333475605030). Acesso em 15 de novembro de 2022.

**Levante/revolução do Rio Grande do Sul, aconteceu em 29/10/1924.**

Este por sua vez foi o que mais se destacou, levando-se em conta que foi, neste estado que se desencadeou a marcha que se transformou na epopeia denominada de Coluna Prestes.

Fonte: página da Fundação Getúlio Vargas<sup>3</sup>

E estes levantes serviram para ressaltar aspectos presentes no debate historiográficos e ao mesmo tempo assinalar que a história é feita de narrativas que podem simbolizar fatos do passado que constroem as ações do presente.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/coluna-prestes>>. Acessado em 11 de novembro de 2022.

### 3 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA

Como apresentado no tópico anterior a base do surgimento e parte dos acontecimentos históricos da trajetória de como a Coluna Prestes se organizou e se notabilizou como um movimento de caráter nacional, tendo como eixo o movimento dos tenentes na década de 1920 do século passado. No entanto, cabe ressaltar que os objetivos da Coluna Prestes, não tinham como propósito a organização da sociedade civil no combate aos desmandos cometidos pelas oligarquias brasileiras, e nem a mudança radical de suas estruturas, mas enaltecer a postura do exército como instituição importante da ordem em prol da honra militar e da democracia liberal num ambiente áspero e pouco receptível de mudanças radicais pensadas pelos tenentes.

**FIGURA 02** – Os revoltosos do Forte de Copacabana. Acompanhados por populares e a frente dos soldados, marcham, a partir da esquerda Eduardo Gomes, Mário Cárpenter, Newton Prado e o civil Otávio Correia.



Nesse sentido ilustra muito bem a fotografia acima (Figura 2), como emblemática da revolta do Forte de Copacabana, que revela em sua composição a ausência da participação popular no processo revolucionário e ao mesmo tempo, sugere para as ciências sociais o que pode parecer “apenas ilustração do discurso sociológico (ou histórico, ou antropológico) verbal ou escrito” (MARTINS, 2009, p.10). Além disso, essa revolta, também pode materializar o que poderia ser o ideal, mas na realidade revela-se o vazio de um momento histórico, ao mesmo tempo em que apresenta a mesma dificuldade que é ao tomar a imagem fotográfica como documento social, pois, demonstra a

fragilidade que há quando tomamos, a palavra falada, o depoimento, a entrevista, como referência sociológica (MARTINS, 2009, p. 10).

Assim, Drummond argumenta que,

Em termos políticos, no entanto, a importância imediata da Coluna Prestes reduziu-se ao seguinte: um prolongado protesto, quase simbólico, contra a situação política nacional, e dirigido *especificamente à plateia da oficialidade do Exército*. Na maioria dos lugares por onde passou, a Coluna despertou medo, ódio ou acirramento da lealdade às lideranças locais. Em nenhum momento de sua marcha ele ameaçou seriamente os fundamentos políticos, sociais e econômicos da sociedade (DRUMMOND, 1991, p.90).

De acordo com Drummond, “o controle da cidade de São Paulo, por quase vinte dias, em julho de 1924, foi uma ameaça concreta maior que qualquer ameaça potencial produzida pela Coluna” (DRUMMOND, 1991, p.90). Nas argumentações de Drummond, ele aborda que se o apoio popular espontâneo tivesse ocorrido a situação poderia ter sido diferente. No entanto, isso não ocorreu, “a sua mobilização não foi procurada pelos combatentes, nem de forma esporádica, nem de forma sistemática” (DRUMMOND, 1991.p.90). Reforçando este ponto de vista, cito o comentário de Macaulay de que “o capitão Moreira Lima, não admitia que os homens do sertão fossem, de certo modo, revolucionários. Na opinião do secretário da Coluna, os sertanejos

Eram uma massa amorfa e não tinham ideia de liberdade, uma verdadeira manada de brutos (...) uma simples coleção de párias, guiados pelos impulsos inconscientes de instintos inferiores. É este o estado moral que permite o fácil domínio dos chefes do interior sobre o sertanejo” (MACAULAY, 1977, p.221).

Na opinião de Drummond, “se o apoio tivesse ocorrido espontaneamente, os oficiais muito provavelmente teriam rejeitado” (DRUMMOND, 1991, p.90).

Já o coronel Siqueira Campos, admitia que os jagunços “empregavam métodos revolucionários”, quando dizia que “havia neles solidariedade, uma necessidade de cooperação mútua, um instinto que os ligava, numa vigilância comum” (MACAULAY, 1977, p.221).

Retoma-se aqui o argumento de Drummond, onde ele cita Macaulay, como parte de sua avaliação política sobre a Coluna, de que,

O coronel Prestes *não* se preocupava com a destruição do exército governamental ou mesmo de vontade de lutar. Ele *não* se preocupava com o controle de uma base de apoio popular em algum lugar qualquer do Brasil. A coluna *não* permaneceu num lugar qualquer pelo tempo suficiente para criar uma infraestrutura rebelde ou montar um esquema para receber dinheiro e

armas de simpatizantes revolucionários no Brasil e no exterior. Ao evitar os combates sempre que possível, ela poderia provavelmente sobreviver por muito tempo com a pouca munição que tinha. *Não* era preciso dinheiro para adquirir cavalos, comida e outras coisas necessárias, que poderiam ser confiscadas, pela força das armas, de civis indefesos. Isso não contribuiu para despertar a simpatia popular pelos rebeldes – principalmente porque a Coluna *não* estava disposta a assentar em qualquer lugar para adequar suas requisições às condições locais e tirar vantagem da insatisfação popular. No fim das contas, *quem pagou por esta demonstração contra o governo do Rio de Janeiro foi o povo das regiões mais pobres do Brasil. Os interesses dos revolucionários estavam no Rio: era lá que desejavam repercussão para seu protesto (...)*. As forças estaduais e locais foram uma ameaça autêntica à Coluna, mas os rebeldes não esperavam muita resistência do Exército. Na verdade, *o Exército foi o principal alvo da propaganda armada dos revolucionários*; era a instituição de quem eles esperavam uma revolta e um golpe para derrubar o odiado governo de Artur Bernardes. (DRUMMOND, 1991, pgs. 91 e 92).

Já a argumentação de Macaulay, nos faz refletir sobre,

As grandes revoluções nacionais brasileiras vitoriosas têm sido todas elas realizadas sem, ou quase sem derramamento de sangue; perdas substanciais de vidas humanas têm sido características de levantes regionais e de revoltas nacionais fracassadas. Os dirigentes do Brasil têm demonstrado notável sabedoria nas ocasiões de crise nacional. Imperadores, regentes, bem como presidentes, sempre abdicaram quando confrontados pelas forças vitais da nação. Contudo, de maneira firme e obstinada resistiram a movimentos bem armados porém desprovidos de base, que ameaçaram mergulhar o país na desordem. Historicamente, quando uma revolução brasileira é enfrentada pelas armas, está perdida, fato que a maioria dos tenentes de 1922 pareceu compreender. (MACAULAY, 1977, p.228).

No entanto, Macaulay destaca que, Siqueira Campos e seus camaradas foram os únicos a recusarem a aceitar a resistência armada da Vila Militar, como uma maré contrarrevolucionária.

E nesta busca de demonstrar como foi esta epopeia pelo Brasil, e tendo como intuito mostrar como foi este momento da história do Brasil, destaco que a conclusão política de Drummond foi um ponto convergente com o de Macaulay: vejamos:

Conquistar e mobilizar apoio popular em princípio inexistente ou reduzido, não só fugiu inteiramente ao projeto intervencionista militar e aos objetivos políticos moderados e elitistas dos tenentes, como foi também incompatível com as exaustivas exigências da guerra de movimento que caracterizou a Coluna Prestes e da qual seus comandantes não mostraram sinais de abrir mão. A mobilidade militar, na intensidade em que foi valorizada e praticada, foi uma alternativa que excluiu outra, a da mobilização popular. Nos valores tenentistas, o “povo” já estava representado pelo Exército brasileiro. As origens, o conteúdo e os objetivos *militaristas* do tenentismo e, especialmente, da Coluna Prestes, explicam a sua opção. A Coluna Prestes quis ser a agente de uma “revolução” dos militares para o povo brasileiro; por isso ela *não foi agente de uma revolução social*. Não seriam os tenentes, nas condições brasileiras da época, que proporiam ou executariam uma revolução social. (DRUMMOND, 1991, p.92).

Porém, vale ressaltar, que Macaulay apresenta uma percepção diferente de Drummond, quando aborda que a sobrevivência da Coluna se deu muito mais em função de uma incipiente estrutura das forças que combatiam a Coluna, pois

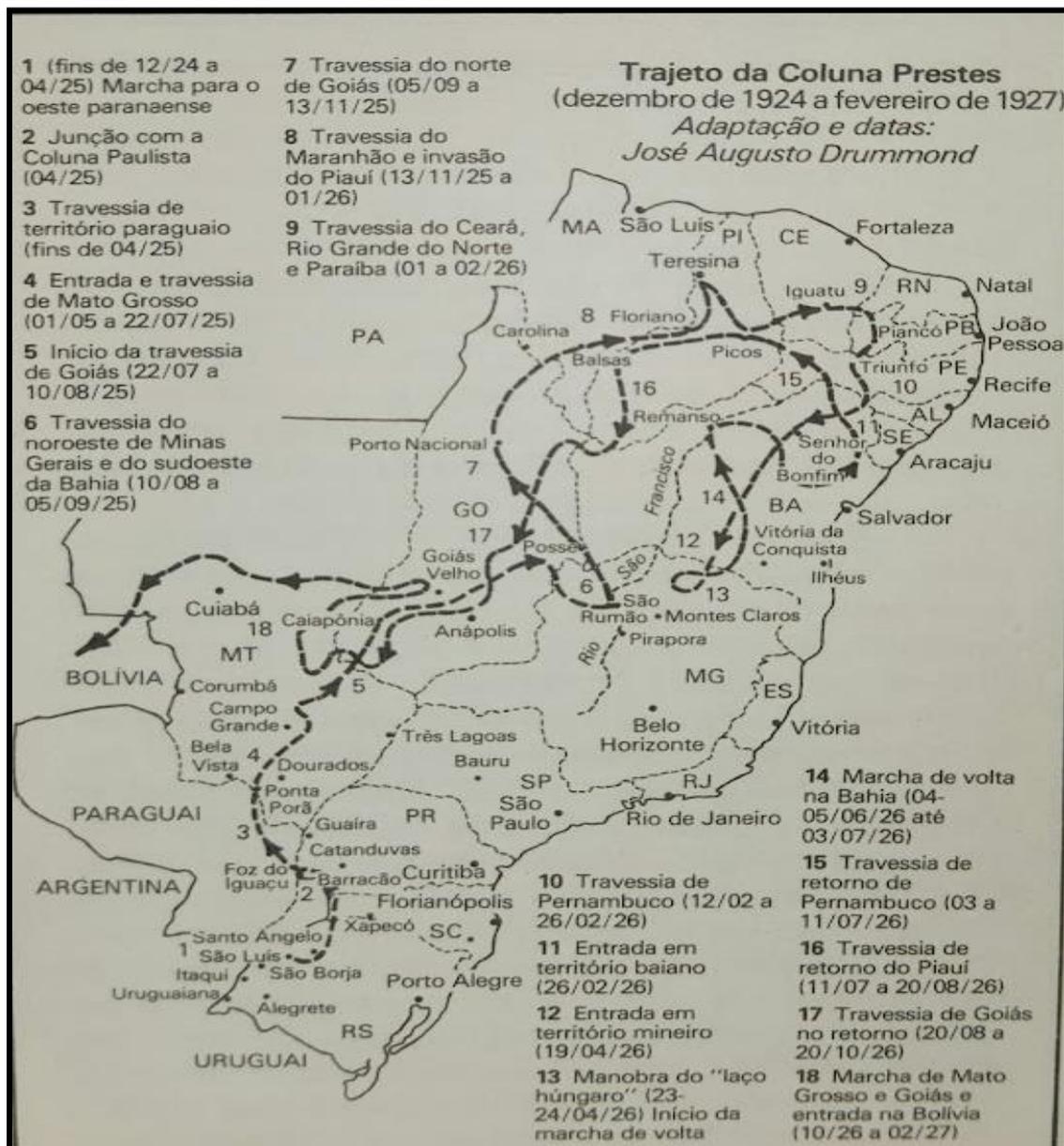
Sem contar com o reconhecimento por via aérea e sem comunicações pelo rádio, as tropas do governo, na caatinga e no cerrado, encontravam-se em grandes desvantagens ao perseguir um inimigo que só tinha por objetivo a própria sobrevivência. (MACAULAY, 1977, p.229).

E se formos destacar a importância histórica da Coluna, devemos considerar que as “realizações apenas em termos de sobrevivência, a Coluna Prestes deveria ficar bem abaixo do bando de Lampião que só foi vencido em 1938” (MACAULAY, 1977, p.229).

No entanto, não podemos negar o papel histórico de que “a Coluna Prestes foi um grande feito militar, embora dificilmente possa ser considerada um feito da instituição Exército brasileiro. De outro lado, a Coluna não teve o sucesso político pretendido e muito menos quis ser agente de uma revolução social” (DRUMMOND, 1991, págs. 36 e 37).

Contudo, a população dos centros urbanos do Brasil foi bastante correta, pagando elevado tributo a esses jovens instruídos que sacrificaram o conforto da civilização para fazerem demonstrações em prol da honra militar e da democracia liberal num ambiente áspero e pouco receptivo (MACAULAY, 1977, p.229).

FIGURA 03 – Marcha da Coluna Prestes



Fonte: DRUMMOND, José Augusto. **A Coluna Prestes: rebeldes errantes**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

#### **4 A COLUNA PRESTES E A CIDADE DE PORTO NACIONAL**

A marcha da Coluna Prestes pelo território tocantinense inicia-se pela cidade Arraias até Porto Nacional, ou Porto Real como era chamado nos tempos coloniais. Esses caminhos estavam em uso, já em 1740. Embora os caminhos entre Posse e Porto Nacional tenham desaparecido antes do advento do século XX, as cidades principais permaneciam, pouco povoadas, decadentes e quase totalmente ignoradas tanto pelo governo federal quanto pelo estadual, segundo Macaulay (1977).

A cidade de Porto Nacional, foi palco de muitas das histórias que acompanharam a Coluna Prestes ao longo de sua trajetória.

Ressalta-se que esta cidade tem um valor histórico fundamental para o Tocantins, pois foi aqui que se desencadeou o movimento que culminaria com separação do estado, até então conhecido como norte de Goiás.

Na luta pela criação do Estado Tocantins, Porto Nacional sempre esteve no centro dos debates, por se tratar de uma região estratégica do movimento. Basta lembrar que aqui, em 1915 foi criada pelo Papa Bento XV, a diocese de Porto Nacional, sob o comando da ordem francesa dominicana, que já habitava a região desde a segunda metade do século XIX, (LIRA, p.102, 2011).

Vale destacar que “através do Bispado de Porto Nacional, seus membros faziam da região do Tocantins uma espécie de Estado Teocrático, onde se pregava no dia-a-dia da igreja, o amor pelas terras tocantinenses (LIRA, p.102, 2011).

E com essas referências históricas e lutas heroicas, destaca-se um dos movimentos mais emblemáticos da década de 1920, do século passado, que foi a Coluna Prestes.

Os rebeldes foram hóspedes dos padres dominicanos, em 1925 durante uma semana. Antes de chegar à cidade, o comando da Coluna, enviou um comunicado ao intendente de Porto Nacional, informando que a população não precisaria sair da cidade, pois os boatos que vinham circulando a respeito da Coluna eram infundados.

Em Porto Nacional, os rebeldes imprimiram o sétimo número do jornal “ O Libertador”, que tinha como finalidade a divulgação dos objetivos dos rebeldes e contrapor-se às mentiras e calúnias espalhadas pelas autoridades constituídas, segundo Veiga (1992, p.54). No entanto, há quem conteste a afirmação acima, de que os revoltosos eram sujeitos pacíficos, pelo contrário segundo Nunes (2014, p.471), “a Coluna Prestes acabou com o norte de Goiás”. No seu entendimento,

[...] os revolucionários após publicarem o n.º 7 do seu jornal “O Libertador” nas oficinas do jornal “Norte de Goyaz”, fundado em 1905 pelo Dr. Francisco Ayres da Silva, em represália pela divulgação que este jornal fazia das atitudes da Coluna Prestes eles empastelaram as oficinas do jornal, pegaram vários livros da biblioteca, liam e depois jogavam fora, deixando-a arrasada, trazendo prejuízos incalculáveis à cultura do “Norte Goiano. (NUNES, 2014, p.471).

Aqui podemos destacar que havia um misto de medo e glória representado no movimento. Quando uns recebiam a Coluna com festas e alegrias, outras regiões eram inferizadas com as notícias de que os revoltosos iam confiscar todos os seus pertences e tudo que estivesse ao alcance deles. Com isso criava uma situação de instabilidade emocional muito grande junto à população, isso fez com que em determinadas ocasiões, os mensageiros da Coluna tivessem que se desdobrar para explicar suas reais intenções.

Continuando sua permanência em Porto Nacional, além de todas essas observações feitas, os líderes da Coluna ainda tiveram a oportunidade de reparar alguns erros cometidos contra a população como por exemplo, segundo Veiga,

Moreira Lima, examinando a cadeia local e os autos dos processos descobriu preso um velho negro que fora absolvido pelo júri da acusação de assassinato, mas um juiz bêbado o havia sentenciado a 30 anos de prisão, dos quais o infeliz já cumprira 11. O prisioneiro foi libertado pelos rebeldes, que também destruíram todos os instrumentos de tortura encontrados no local. Isso não aconteceu apenas nesta localidade, mas em todos os lugares onde a Coluna passou. Até palmatórias usadas em escolas foram destruídas. (VEIGA, 1992, p.54).

As peripécias dos rebeldes não se resumiram somente a isso, mas também, ao lazer. E foi nesta semana de permanência na cidade que os líderes resolveram tomar banho no rio Tocantins.

“Prestes, que não sabia nadar, quase foi levado pelas águas enquanto se banhava no rio. Salvou-o o Major Lira, ao perceber o perigo em que Prestes se encontrava. Mas o chefe dos rebeldes não se deixou intimidar. Ao saírem de Porto Nacional, seguiu numa jangada feita de troncos de buriti, uma espécie de palmeira” (VEIGA, 1992, p.54).

Esse lado pitoresco da Coluna achei relevante destacar, porque segundo Veiga, “os rebeldes liam durante a marcha. Juarez Távora, em suas memórias, admirou-se de como conseguiam tantos livros. João Alberto tirou da casa de um advogado governista, em Porto Nacional, os 21 volumes da História Universal, de César Cantu, e leu todos pelo caminho” (VEIGA, 1992, págs. 54 e 55).

Assim pareceu que em Porto Nacional a Coluna usufruiu do seu momento de paz e reflexão, pois além dos fatos relatados, pousaram para fotografias, cuja imagem virou ícone dos rebeldes em marcha. E aqui destaca-se a importância da fotografia como documento histórico e ao mesmo tempo, como instrumento de investigação social. Pois,

no decorrer da narrativa histórica, “os chamados fotógrafos e documentaristas sociais são hoje produtores de conhecimento social, o que torna a fotografia e o documentário, praticamente, um campo auxiliar das ciências sociais” (MARTINS, 2009, p.11).

E destacando a imagem dos rebeldes como referência, há uma demonstração e o desencontro visual entre os corpos que “constitui um depoimento sobre classe social e o imaginário de classe” (MARTINS, 2009, p. 15). Segundo ainda, Martins,

Ao considerar a fotografia como instrumento ou objeto de conhecimento sociológico, não se pode ficar divididos entre os que consideram que a fotografia é evidência e os que a consideram construção. Ao sociólogo da imagem é indispensável ter em conta que o próprio fotografado em muitas circunstâncias, é um poderoso coadjuvante do ato fotográfico e que, portanto, o real é a forma objetiva de como a ficção subjetiva do fotografado interfere na composição e no dar-se a ver para a concretização do ato fotográfico. (MARTINS, 2009, p.15).

**FIGURA 04** – O comando da Coluna Prestes, reunido em Porto Nacional, Goiás, em outubro de 1925.



Fonte: PRESTES, Anita Leocádia. Uma Epopeia brasileira: a Coluna Prestes / Anita Leocádia Prestes – São Paulo, 1995. <sup>4</sup>

E assim tendo a citação como referência, destaca-se o comentário de Martins sobre Marx, quando ele diz: “a audição é uma construção social, poderíamos dizer numa

<sup>4</sup> Nomes em ordem sequencial: 1. Miguel Costa, 2. Luís Carlos Prestes, 3. Juarez Távora, 4. João Alberto Lins de Barros, 5. Antônio de Siqueira Campos, 6. Djalma Soares Dutra, 7. Osvaldo Cordeiro de Farias, 8. José Pinheiro Machado, 9. Atanagildo França, 10. Emygdio da Costa Miranda, 11. João Pedro Gonçalves, 12. Paulo Krüger da Cunha Cruz, 13. Ary Salgado Freire, 14. Nélon Machado de Souza, 15. Manuel Alves Lira, 16. Sadi Valle Machado, 17. André Trifino Correia, 18. Italo Landucci.

perspectiva sociológica. Ele poderia ter dito que a imagem, em cada época, educa, a visão e os olhos. Portanto, que a imagem produzida pelo homem, segundo diferentes concepções e estilos, diz ao homem, em cada época, quem o homem é” (MARTINS, 2009, p.19 e 20). E esta fotografia da Coluna Prestes (Figura 04), na cidade Porto Nacional, ficou marcada como um símbolo histórico de sua trajetória. E, tomando a percepção de um outro ângulo o grupo retratado, pode-se considerar, segundo Burke

[...] que as imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas, ocupam uma variedade de posições entre esses extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação. (BURKE, 2017, p.275).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As várias narrativas e percepções apresentadas no decorrer deste trabalho tentaram entender o movimento dialético da Coluna Prestes, que ora nos aponta na direção de um movimento cujos objetivos imediatos visava a derrubada do governo de Arthur Bernardes, ora nos leva no sentido de valorizar a importância dos tenentes no combate às oligarquias e a corrupção que dominavam a política brasileira.

Além disso, teríamos a subjetividade dos autores em suas escolhas narrativas, fontes e recortes. Os autores também atuam como personagens em suas obras, afinal são eles que narram e contam os eventos de um fato histórico. Não obstante, ainda constroem os elementos visuais de mundo, preceitos e idealismo.

Porém, ao tomar este movimento como um ponto de partida para entender parte da história e dos movimentos sociais ocorridos no Brasil na década 1920, devemos destacar a importância da Coluna Prestes nos processos de formação do imaginário social brasileiro. É nesse sentido que este fato histórico é importante na construção de leituras sobre os fatos relevantes que a Coluna provocou na sua trajetória pelo território brasileiro.

Muita coisa pode ainda ser ampliada, como por exemplo, analisar o perfil elitista da Coluna, aprofundando sua forma isolada na organização dos movimentos de massas. Na medida em que nos detemos em observar os levantes estimulados constata-se que todos foram voltados para as forças armadas, lugar de origem dos tenentes, pois não mostrava nenhum indício de agregar os sujeitos civis da sociedade na sua luta.

Assim, se o objetivo era mudar feição da sociedade brasileira, pouco fez num primeiro momento como objetivo de incorporar a população civil para sua luta, e aí se constata uma incoerência deste objetivo, pois ao mesmo tempo em que queria acabar com a prática de governos que não representavam os interesses das camadas mais necessitadas da sociedade, não conseguiu incorporar os segmentos inconformados com a situação política do país à época, e por outro lado não conseguiu aglutinar parcelas significativas da população para a marcha da Coluna.

Talvez fosse possível uma maior análise historiográfica pela vasta gama de fontes disponíveis sobre a Coluna, permitindo assim outras narrativas e apresentação na atuação política e social. Como exemplo está o papel dos periódicos e suas imagens que constroem um importante argumento de como se perceber os revoltosos durante a marcha da Coluna. Um maior aprofundamento do idealismo da Coluna poderia ser tratado, principalmente quando se refere a ideia de memória e identidade. Afinal, os autores que tratam em narrar

esta passagem da história brasileira, em grande parte desejam a construção da identidade nacional e as causas políticas que envolveram a organização da Coluna. Talvez, por isso, a importância de retomar esta discussão.

Portanto, com estas observações faz-nos compreender que, os objetivos da Coluna que era de transformar a realidade da sociedade brasileira e incorporar as camadas dos explorados pelo capital em suas lutas, não aconteceu. Restando apenas, os relatos de sobrevivência e um prolongado protesto contra a situação da política nacional, representado na figura do governo Artur Bernardes.

Assim esta breve pesquisa não se restringe a um discurso ideológico, mas busca refletir um pouco do observador atento às mudanças e aos modos de perceber da história do nosso tempo, no que diz respeito a Coluna Prestes em seus passos que se transformaram em caminhadas pelo Brasil e pelo Tocantins.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos. – São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CARVALHO, José Murilo. 1939-**Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi** / José Murilo de Carvalho, - São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DRUMMOND, José Augusto. **A Coluna Prestes: rebeldes errantes**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1966.
- LIMA, Lourenço Moreira. **Coluna Prestes, marchas e combates**, São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- LIRA, Elizeu Ribeiro. **A gênese de Palmas – Tocantins – A Geopolítica de (Re) Ocupação Territorial da Amazônia Legal**, Goiânia: Kelps, 2011.
- MACAULAY, Neil. **A Coluna Prestes – Revolução no Brasil**. Rio de Janeiro – São Paulo: Difel, 1977.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem** / José de Souza Martins. – 1.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.
- NUNES, Luzia Bezerra **Jalapão: Rio Sono - Lizarda**. Goiânia, 2014.
- PRESTES, Anita Leocádia. **Uma epopeia brasileira: a coluna Prestes** / Anita Leocádia Prestes – São Paulo: Moderna. 1995. – (Coleção polêmica)
- REIS, Dinarco. **A luta de classes no Brasil e o P.C.B.** / Dinarco Reis. – 2.ed. – Rio de Janeiro : Fundação Dinarco Reis, 2011.
- SOUZA, Jésus Barbosa de. **A Coluna Prestes**. São Paulo, Ática, 1997.
- TELES, José Mendonça. **A Coluna Prestes em Goiás**. Goiânia: Kelps, 2008.
- VEIGA, Luiz Maria. **A Coluna Prestes**. Editora Scipione Ltda. São Paulo, 1992.